

Jaqueline Vargas

sessão de

TERAPIA



ARQUEIRO

sessão de TERAPIA

“*Sessão de Terapia*: permite e promove o pensar, o sentir e o falar dos sentimentos. Mostra que a psicanálise continua a ter um lugar muito importante no mundo de hoje.”

— *Observatório da Imprensa*

“*Sessão de Terapia* desmistifica a profissão sem banalizar o sofrimento do paciente (...), acerta quando foge da banalização da autoajuda e mostra que o médico não vai decifrar um paciente.”

— Luciana Saddi à *Folha de S.Paulo*

“Aos vermos as singularidades das vidas relatadas, nos colocamos ora no lugar do paciente, ora no lugar do terapeuta.”

— Jorge Forbes, *Vogue*

“*Sessão de Terapia* tem como personagem também o silêncio, aquilo que é uma promessa de verbalização, mas ainda não foi formulado. É tratamento em curso.”

— Patrícia Kogut, *O Globo*

“A psicoterapia é usada em prol do suspense: a cada camada de autoengano removida dos pacientes, mais suas histórias ficam intrigantes.”

— *Veja*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Hagai Levi

SUMÁRIO

PRIMEIRA SEMANA...	9
SEGUNDA SEMANA...	44
TERCEIRA SEMANA...	70
QUARTA SEMANA...	108
QUINTA SEMANA...	129
SEXTA SEMANA...	161
SÉTIMA SEMANA...	185
OITAVA SEMANA...	211
NONA SEMANA...	242
REFERÊNCIAS	264

PRIMEIRA SEMANA...

“Do ponto de vista do paciente, o terapeuta em princípio é apenas mais um membro de uma sociedade que tem exercido excessivo controle. É tarefa do terapeuta colocar-se em situação diferente.”¹

B. F. SKINNER

— Você virou o centro do meu mundo – declarou-se da maneira mais objetiva e direta possível.

Se bem que o tom da sua voz tinha algo de acusador, como se eu já soubesse o que ela ia dizer. Mas eu não sabia. Júlia era minha paciente havia um ano e aquilo era o que se podia chamar de transferência erótica. Em terapia, esse tipo de situação é muito mais comum do que se imagina. Muitos pacientes juram amor eterno ao terapeuta, entretanto, isso é um mero mecanismo psíquico. Eu já tinha visto a mesma cena inúmeras vezes. No começo da carreira, achei que tivesse a ver comigo, mas não. Isso não tem nada a ver com o terapeuta – com a maneira como se comporta, se é feio, bonito, gordo ou careca. É uma projeção. Somos como um astro de rock num palco. Os fãs sabem que as probabilidades de uma relação são mínimas... Mas quem não fantasia? Sob os holofotes o artista parece perfeito. Com o terapeuta acontece a mesma coisa. Ilusões de um pseudopoder, nada mais.

Embora eu tenha feito de tudo para ter uma vida acadêmica, minhas tentativas foram em vão e eu acabei caindo no esquema do atendimento particular. Sou terapeuta há mais de 20 anos. Muitos acham que sou psiquiatra, mas eu sou psicólogo. Apenas um psicólogo. Meu pai era médico e com certeza foi por causa dele que eu não escolhi a medicina. Mesmo assim eu cuido das pessoas. Gosto de fazer isso, gosto da minha profissão. Pelo menos eu achava que gostava. Não sei se foi a declaração de Júlia ou o acúmulo dos anos e dos assuntos nunca-resolvidos-sempre-adiados o que mudou o quadro. Lógico que existia o cansaço peculiar da profissão e as frustrações cotidianas que essa vida traz. Planejamos tanto, nos empenhamos e sempre acreditamos que estamos dando o melhor, mas a confirmação disso só vem – se vier – anos

depois. De repente, o gesto dela veio ao mesmo tempo que essa prova dos nove, a comprovação de que o retorno dos meus investimentos não havia sido o que eu esperava. Talvez por isso aquele dia tenha marcado o começo da revolução silenciosa que estava para ocorrer na minha vida.

Pela frequência das sessões e a assiduidade de Júlia, eu esperava um progresso mais acentuado por parte dela, mas cada paciente tem o seu tempo. Apesar disso, posso dizer que ela era a minha favorita. Sim, devo confessar que os terapeutas, assim como os pais, têm sempre um favorito. É quase um clichê, eu sei, mas acontece. Quase todos os colegas têm um paciente que os motiva mais. Eu não sou diferente. Só que até aquele dia eu achava que meu interesse particular em Júlia existia apenas porque eu acreditava na troca paciente/terapeuta. Acreditava que estabelecer uma relação com os pacientes era fundamental. Todo pensamento acontece de forma relacional, e, em uma relação, você não pode apenas receber, é preciso doar também. Então eu achava que minha disposição para atendê-la era apenas parte do processo. Hoje sei que não. Naquela época eu também já sabia, mas como eu mesmo digo aos meus pacientes, em terapia, muito do que não é dito é o que vale. Levei bastante tempo para admitir para mim mesmo que Júlia era diferente. Se eu estava impaciente com todos os meus pacientes, por que não com ela? Se com os outros eu contava os minutos para o tempo acabar, por que com ela eu passava da hora? Na verdade eu contava os minutos para a segunda-feira. Júlia vinha todas as segundas às nove da manhã. Nunca havia faltado a uma sessão ou sequer chegado atrasada. Mesmo quando saía de um plantão, ela estava lá.



Júlia tinha 35 anos, era médica, estava fazendo residência em anesthesiologia e namorava André, um jovem psicólogo que tinha sido meu paciente quando ainda era estudante. Foi sua indicação que a levou ao meu consultório. A princípio eu tive que fazer um esforço para me lembrar dele. Foi penoso. Muitos aspirantes a psicólogo gostavam de ser atendidos por mim, nunca entendi muito bem o porquê. André parecia ter sido um deles. Diante do entusiasmo dela descrevendo as qualidades que o namorado tinha atribuído a mim, a minha total falta de lembrança era no mínimo constrangedora. Por fim, uma imagem opaca e quebradiça me veio à mente. Ah, André! Aquele André. Cara grande, corpulento, grande sorriso, de um otimismo *naïve*. É. Era tão certo e bom sujeito que eu nem precisava me imaginar no lugar de Júlia para

sentir quão enfadonho ele devia ser para ela. Mas enfim, parecia que me tinha em tão alta conta que achava que eu resolveria todos os problemas da namorada. Segundo ele eu era o suprassumo da terapia. Bem, eu estava longe disso, mas vinha tentando entender Júlia e principalmente fazer com que ela se entendesse. Naquela manhã achei que estava chegando lá.

Antes da declaração, Júlia chorou pela primeira vez. E como era característico dela, chorou sem entrada, sem premissa. Simplesmente entrou no consultório e chorou copiosamente. O que me intrigou foi justamente isto: a entrega total, com a absoluta falta de preliminares. Me senti um moleque de 12 anos que paquera a colega de turma e a idolatra em segredo, até que um dia, sem mais nem menos, ela lhe dá um beijo na frente da turma e em pleno recreio. Me surpreendi com ela e isso me deixou feliz. Sim, é verdade – existe um prazer peculiar em ver alguém chorar pela primeira vez, principalmente se você for um terapeuta. É quase tão prazeroso quanto uma conquista. É sinal de que existe um mínimo de confiança e conforto na sua presença. E depois de um ano me parecia que Júlia finalmente se deixara levar. Tudo nela estava diferente naquele dia. As lágrimas, lógico, eram o mais surpreendente. Por muito tempo achei que ela fosse incapaz de chorar em público, mesmo sendo apenas eu – não exatamente uma grande plateia. Claro que quantidade não significa qualidade e, se o paciente tem um bloqueio ou uma reserva consigo mesmo, com a perda de controle da sua persona, às vezes a presença de um simples porta-retratos pode ser a coisa mais castradora de todas. O fato é que eu tinha uma convicção secreta de que nem sozinha ela conseguia chorar. Surpresa!

Seu figurino também era uma novidade. Nunca, durante todo esse tempo, eu a tinha visto com roupas assim. Não pareciam dela, embora caíssem perfeitamente em seu corpo. Júlia tinha uma daquelas silhuetas em que tudo fica bem, até roupas de gosto duvidoso como aquele vestido. Ela era inteiramente bonita. Alta, esguia, com profundos e úmidos olhos verdes, olhos que pareciam estar sempre pedindo alguma coisa. Era impossível não perceber que ela tinha um belo corpo, mesmo quando vinha cansada e com aquele uniforme de hospital horroroso. Eu nunca gostei desses pijamas desbotados que os médicos usam. Nunca. Vestidos assim, eles sempre me deram a impressão de que acabaram de sair da cama, contra a vontade, e que estão sonolentos e irritados, ou seja, a receita perfeita de um desastre na mesa de cirurgia. Embora cheio de associações com o figurino, eu era obrigado a reconhecer que ela era linda. Além disso, Júlia tinha plena consciência de sua beleza, ao mesmo

tempo que lidava com ela de forma quase blasé. Sim, esta era a palavra: blasé. Júlia parecia que jogava tudo fora, tudo era por cima, sem aprofundar, sem motivo aparente. A própria motivação para vir à terapia era vaga. Se bem me lembro, ela não tinha se entendido com um ex-terapeuta e acabara desistindo.

Os motivos para alguém não “gostar” do terapeuta podem ser inúmeros. Desde a decoração da sala ao penteado do terapeuta, tudo vale. Um palavra, uma pergunta, uma expressão facial, um tique ou trejeito, a cor do papel de parede ou mesmo alguma memória inconsciente podem bater o martelo de culpado no colega. Infelizmente, a empatia é algo fundamental na minha profissão. Precisamos que o paciente se sinta à vontade conosco. Às vezes não acontece, e não é responsabilidade do psicólogo. Claro que ele pode ser inábil, todo profissional está sujeito à imperfeição, mas, em alguns casos, a falta de empatia é do paciente com ele mesmo, não é nada pessoal.

Enfim, qualquer que tenha sido o motivo para Júlia desistir, fez o namorado insistir no seu retorno. Segundo ela, era por ele, e só por ele, que ela tinha vindo me ver. Não havia nenhuma urgência pontual ou algo que quisesse discutir.

– O André acha que eu tenho que fazer terapia, mas eu não tenho nenhum problema. Minha vida é ótima.

Foi isso o que ela me disse um ano atrás. Bem, naquele dia ela não parecia nem de longe alguém que estivesse com a vida ótima.



Quando ela finalmente saiu da fase aguda do choro e me encarou, estava frustrada, chorar na terapia não tinha o efeito que ela imaginara. Júlia, como muitos pacientes, tinha a ilusão quase infantil de que chorar podia ser totalmente libertador. Como se em 10 minutos de choro toda a pressão de uma vida fosse embora. Eu teria resolvido o dilema de muita gente na primeira sessão se funcionasse assim. Não era tão fácil, mas sempre era um começo. O rímel borrado dava a ela um quê de personagem de Fellini, ao mesmo tempo que fazia a roupa parecer menos destoante. Júlia usava um vestido justo, preto, que não lembrava nem de longe o famoso pretinho básico de que as mulheres tanto falam. O modelo estava uma oitava abaixo do elegante, para não dizer outra coisa. Ela usava uma meia-calça também preta e uma botinha de salto alto. Acho que adivinhou o meu pensamento porque explicou imediatamente que a roupa não era dela. Pegara emprestado de uma amiga com quem havia saído na noite anterior. Era disso que ela queria falar, da noite anterior.

Júlia me contou que tinha saído com essa amiga e ainda não voltara para casa. Segundo ela, se voltasse perderia a sessão – e por isso ficou na calçada diante do consultório esperando dar o horário. A maneira como ela descreveu a passagem do tempo era quase poética, e pude imaginá-la sentada no meio-fio, olhando fixamente para os ponteiros do relógio, comemorando cada segundo que passava.

– Estava tão frio... Eu me segurei pra não tocar aqui e te pedir um casaco – ela disse.

Esse é o risco de atender no local onde se mora: você sempre pode ser surpreendido. Tudo bem que tentei de todas as maneiras estabelecer o limite entre vida pessoal e profissional, coloquei o consultório na parte de trás da casa, fiz uma divisão, um isolamento praticamente, mas mesmo assim era próximo demais.

– Como você pode ver, eu congelei mas não te acordei.

Diante da declaração, cogitei silenciosamente se sua decisão havia sido pautada na carência ou na vergonha. Se por algum momento daquele amanhecer ela havia ponderado o quanto seria dramático me contar que fizera o papel da menina dos fósforos, tentando se aquecer, ou se havia sido a decência que a impedira de me acordar alcoolizada e vestida como uma frequentadora de boate de quinta. Enfim, não consegui deduzir e achei melhor esperar pelos indícios de verdade, que sempre aparecem. Argumentei que ela não precisava ter vindo. Mas algo tinha acontecido, algo que queria muito me contar. Algo ligado ao seu relacionamento com André.

Será que aquela necessidade de estar ali, mesmo virada da noite e claramente descompensada, tinha mesmo a ver com André? Desconfiei que ele fosse apenas pano de fundo para a conversa quando ela me disse pela terceira vez que não estava ali.

– Não adianta, Theo. Eu não devia ter vindo. Eu não tô aqui.

Eu me perguntava a que “eu” ela estava se referindo, porque nunca a tinha visto tão presente como naquela manhã. Que ela não devia ter vindo depois de uma noite em claro era plausível para mim, mas se não era para ela, era porque ela queria me dizer alguma coisa. Ou mostrar. Mostrar-se fragilizada pela primeira vez, com uma atitude nova, uma indumentária diferente, uma nova Júlia – ou uma outra faceta de Júlia que ainda não havia sido revelada. Talvez por isso a repetição do “eu não tô aqui” fosse uma repetição para ela, e não para mim, uma averbação de que a Júlia-pessoa-jurídica tinha ficado em casa e a Júlia-pessoa-física finalmente poderia se abrir.

André, o namorado, tinha dado um ultimato. Ele queria uma decisão quanto à relação deles. Uma decisão por parte de Júlia. Já se relacionavam há dois anos e moravam juntos, casar era o próximo passo. Só que, ao contrário de muitas mulheres, Júlia não queria casar, não queria vínculo. Não queria selar pacto nenhum com o destino, muito menos tomar um passo definitivo. Era no que ela acreditava. Mas, com o passar das sessões, pude perceber que era mentira. Não era o quê, e sim com quem. E estar superficialmente em tudo era uma zona de conforto tão grande para Júlia que ela não percebia que havia sido ela que começara a discussão, ela que tinha dado o ultimato a André.

Todo o conflito começara na mesa de jantar e se estendera para o sofá da sala. A gota d'água tinha sido um comentário – quase desabafo – de André sobre a situação deles. A indecisão conveniente pode acabar virando uma realidade duradoura se ninguém faz nada. O nada aqui significa tomar decisões – dar um passo à frente mesmo que isso represente ter que dar três passos para trás logo depois. Independentemente do resultado, é a tomada de decisões que movimenta a vida, e a maneira como isso é feito diz muito sobre seu agente, às vezes até mais do que a decisão em si. No começo ela relutou em aceitar que as suas atitudes tinham gerado o desentendimento. Era como se, de fato, ela estivesse surpresa consigo mesma, com as razões que a haviam levado a incitar tal discussão, a “discussão” da qual sempre fugia. Minha vontade era dizer que ela não gostava de André e que estava problematizando a relação para provocar uma ruptura, mas é claro que, no meu papel, eu nunca poderia fazer tal coisa. Esse tipo de conclusão deve ser do paciente – e somente do paciente.

Depois da discussão, que se revelou um acontecimento, com direito a choro, gritos e portas batendo, Júlia saiu com a tal amiga, dona da roupa. O comportamento que ela me descreveu era no mínimo infantil. Parecia birra de criança mimada, e não a atitude de uma mulher vivida como ela. Mas agir como uma adolescente também era característico de Júlia, outro indicativo de que essa época da vida fora decisiva para que ela se tornasse quem era hoje. Ela nunca ia fundo no passado, na sua juventude, mas eu sabia que em algum momento chegaríamos lá.

Ela fez questão de descrever o que se passou no bar. Como bebeu além da conta, ficou sozinha e caiu numa cantada que não agradaria mulher nenhuma no mundo, somente Júlia. Durante todo o relato, ela fazia questão de me perguntar se o que estava me contando com tanta minúcia não era forte demais para mim. Quanto mais eu falava que nada do que ela dissesse seria forte demais, mais ela aumentava a riqueza de detalhes. Parecia se divertir

com a transgressão, como se desabafar para seu terapeuta fosse um pecado ou uma travessura. Até como era o banheiro do bar ela fez questão de me contar, embora tudo fosse uma premissa para jogar, como era tão dela, assim por alto-como-quem-não-quer-falar, que acabara em um deles com o sujeito da cantada. De como a situação de se sentir pressionada a casar a fez quase fazer sexo com o desconhecido. Quase como um prêmio de consolação pela vida desanimadora que a esperava, caso casasse com André.

Posso parecer démodé, antiquado, velho mesmo, mas eu não conseguia ver nada de libertário e merecedor em transar com alguém do lado de uma privada fedida. Esse tipo de coisa sempre me parecia muito mais amor-próprio negativo do que experimentação vivencial. Além disso, antes de ser terapeuta eu sou homem, e, a julgar pelo relato de Júlia, era claro que ela tinha caído na lábria de um sujeitinho nojento. Eu podia visualizar o aspecto dele e não me agradava em nada pensar nela com aquele tipo.

– Isso não te excita? – ela perguntou, assim que contou como o sujeito levantou a saia dela e abaixou sua calcinha. – Sei lá... ouvir essas coisas... Se bem que você deve ouvir cada história... – falou, olhando para baixo, quase envergonhada.

– Eu estou bem. Pode continuar.

– Sério? – Ela me encarou e eu assenti. – Bem, foi muito rápido. Quando me virei, vi que ele já tinha colocado o pau pra fora. Desculpa. Pau é tão feio de dizer... Se bem que tem nomes piores, né? – Ela riu.

Como permaneci sério, Júlia parou de rir e prosseguiu.

– Então, o negócio dele era enorme, quer dizer, eu acho que era. Estava tão chapada que de repente nem era tudo aquilo, mas, quando eu segurei, era pesado, quente. Eu acho que eu fiquei uns cinco minutos analisando a *coisa*. Na boa, o cara era um putanheiro. Sabe homem que se raspa todo? Ele tava assim. Será que foi por isso que eu achei grande? Você acha que faz diferença?

Gesticulei negativamente com a cabeça, não dava para responder àquela pergunta. Então ela seguiu falando do sujeito, de como ele a empurrou de cara contra a parede, de como se esfregava nela e, principalmente, de como toda aquela sordidez começou a excitá-la.

No meio da descrição rouca ela perguntou novamente:

– Tem certeza de que isso não te excita?

– Tenho.

– Você tá tão sério. Está chocado comigo?

– Continue, Júlia.

– Se não te incomoda... Nunca contei esse tipo de coisas pra ninguém.

– Nem pra uma amiga?

– Ah! Pras amigas a gente dá uma floreada. Imagina se eu vou contar que enchi a cara e fui parar num banheiro xexelento com um cara ensebado? Nunca. Era tudo tão sujo, tão vulgar. Você tinha que ouvir o que ele falava pra mim. De putinha pra baixo, mas era isso que eu era naquele momento, né? Eu devo ter cara de puta. Puta triste. Tenho?

Eu esbocei um “não”, mas sei que saiu fraco. Não sei se foi alto o suficiente para que ela percebesse, mas eu percebi. Com um suspiro Júlia prosseguiu, como se nem tivesse ouvido a minha resposta. Ela realmente parecia estar se divertindo com aquilo, com aquela provocação. É claro que o que ela dizia me excitava. Não que fosse regra – eu já tinha ouvido coisas muito mais densas –, mas o tom da voz dela, o jeito como seus olhos propositalmente se escondiam de mim, me perturbavam além do protocolo. Não era um desabafo ou um relato nervoso de quem se viu em uma situação sexual inédita e desagradável. Tinha um ar de exibicionismo, como se ela quisesse me mostrar que era capaz de ser sórdida.

Me esforcei para focar em um ponto. Eu sempre fazia isso quando o relato de um paciente me deixava tenso, confuso ou com sono. Me fixei no pingente que ela tinha no colar. Era tão pequeno que eu não consegui distinguir sua forma. Podia ser uma pirâmide, uma santa ou uma letra – para mim era uma tábua de salvação. Sem o seu apoio eu provavelmente teria afundado quando ela me disse que não tinha conseguido prosseguir com o sujeito. Não pelo fato, mas sim pelo que a levou a parar. O cara já estava colocando uma camisinha quando um barulho no banheiro ao lado a fez voltar para a realidade.

– Alguém entrou na cabine do lado e, sério, Theo, parecia um cavalo mijando. Um barulho horrível. Aí não deu. Me lembrei do André.

– E isso te fez parar? – perguntei.

– É. Eu empurrei o cara.

– Por causa do André?

Ela me encarou, intrigada, e sua resposta me deixou confuso.

– A verdade? Não. Eu não parei por causa do André, mas ele até que tem a ver.

– Não entendi.

– Ele acha que eu tenho outra pessoa.

– Você tem?

– Não. Mas eu gosto de outro homem. Eu me lembrei dele.

Júlia se estendeu mais. Não apenas gostava; amava desesperadamente outro homem e era com ele que queria estar naquele momento, não com aquele indivíduo ensebado e ofegante. Foi a memória do outro homem que a fez fugir.

A infidelidade é algo mais comum no consultório de um terapeuta do que num confessionário. As pessoas mais religiosas do mundo preferem pagar a alguém para dividir esse segredo do que compartilhá-lo com um amigo ou confessor. Só que imaginar Júlia apaixonada por outro homem, além de André, me deixou subitamente tonto. Como eu não havia percebido? Por que ela não tinha trazido essa questão para a terapia? Eu questionei e a cada pergunta ela ficava mais e mais perplexa. Na hora eu não estava nem aí para a sua perplexidade. Queria conhecer os detalhes. Quem? Quando? Como? Eu era seu terapeuta, como isso tinha me escapado? A minha falta de percepção não decepcionou só a mim: Júlia também estava decepcionada com a minha pouca perspicácia.

– Você não sabe mesmo de quem eu tô falando? – ela perguntou, visivelmente constrangida.

– Não, Júlia, mas eu gostaria de saber. Seria bom conversarmos sobre isso.

– Eu estou falando de você, Theo. Você virou o centro do meu mundo. Eu te amo – declarou-se da maneira mais objetiva e direta possível. – Era com você que eu queria estar.

Há um ano, desde o primeiro dia, da primeira sessão, ela traía André comigo. A sua fantasia era tão forte e arraigada que Júlia tinha certeza de que eu sabia. Ela, como todo paciente que projeta no terapeuta suas carências, fantasiou como seria o momento em que eu declararia meu amor por ela. O que eu diria, faria, a maneira como me sentaria ao seu lado e tocaria em sua mão. Seguramente ela ouviu em sua cabeça o meu tom de voz dizendo que também a amava e o quanto eu tinha esperado para ter certeza de que o amor era recíproco. Isso seria muito normal em qualquer pessoa apaixonada. Qual apaixonado nunca sonhou acordado com o objeto de seu amor? No entanto, em terapia não existe objeto de amor, não na relação entre o terapeuta e seu paciente.

Alisando o sofá, Júlia confessou:

– Achei que a gente ia acabar fazendo amor nesse sofá.

Por mais que meu ser masculino se vangloriasse de ter uma mulher tão bela quanto Júlia fantasiando a meu respeito, eu sabia que aquilo era uma resposta à terapia. Apenas uma transferência, como tantas outras que eu já havia visto. Nada mais. A única resposta que eu podia dar era esclarecer, da forma mais

polida possível, que, sendo seu terapeuta, eu não era uma opção amorosa e que nunca, jamais, em tempo algum, me envolveria com ela. Diante da minha recusa e do ar neutro que consegui restabelecer, muito mais devido à experiência do que ao meu estado emocional, Júlia voltou para o seu status quo: tudo-bem-eu-não-ligo-e-nem-era-tão-importante-assim. Fez questão de prometer que não ia me perseguir nem molestar a minha família. Com um sorriso quase triste disse que não era perigosa, não para mim.

– Vamos esquecer o que eu disse. Pode ser? – pediu.

Meu silêncio provavelmente foi interpretado como um consenso, mas a verdade é que ela não esqueceria. Nem eu.



Casamento é um assunto recorrente no consultório. Nesses anos eu vi muitos casais passarem pela minha sala. Uns realmente querem salvar a relação e me procuram para que eu os ajude a ver o que não estão vendo ou que se habituaram a não ver. Outros até usam a desculpa da reconciliação para embarcar na terapia, mas na verdade querem que eu os ajude a terminar o que, sozinhos parece ser impossível. Estão tão distanciados dos seus parceiros que precisam de um intermediário para dizer o óbvio: acabou.

A maneira como Clarice, minha mulher, vinha se esquivando gradualmente de mim durante os anos e a forma como eu consentia silenciosamente nesse afastamento me faziam pensar cada vez mais nesses pacientes. O que deveria surtir efeito oposto. Afinal nenhuma lacuna surge para ficar em aberto e, geralmente, quando sua mulher se afasta de você, é para que você se aproxime dela. Mas eu não me aproximava. Quanto mais fria ela era comigo, mais frio eu era com ela. Analisando nossa relação eu me arrisco a dizer que era de um sadomasoquismo bem temático. Eu a tratava como a governanta da casa, tutora dos meus filhos, e ela se portava como a empregada rebelde que exige uma promoção do patrão, mas não larga o emprego, mesmo com as más condições de trabalho. Nunca vou conseguir precisar a data exata do início de tudo isso. Quando a relação afetiva tinha virado esse vínculo empregatício... Isso seria sempre uma interrogação para mim. Qual tinha sido o trauma que arruinara os alicerces do meu casamento? Eu não consigo lembrar. Quando eu falo trauma, quero dizer não apenas algo doloroso, mas qualquer acontecimento marcante. Às vezes um dar de ombros, um olhar de lado, até um sorriso pode ser o detonador da virada. E a vida é cheia desses pequenos gran-

des fatos, completamente impregnada de acontecimentos. Só que eu e Clarice tínhamos passado por tanta coisa que não dava para distinguir qual havia sido o marco zero. Eu só sabia que ela estava estranha havia algum tempo, com sumiços comprometedores, desculpas ambíguas e uma falta absoluta de interesse por sexo – pelo menos comigo.

Eu também sabia que a reflexão repentina sobre o meu casamento era por causa de Júlia. Desde o momento em que ela saíra do consultório, eu não conseguia parar de pensar no que ela tinha dito.

– Você sabia do que eu tava falando. É claro que sabia. Imagina se logo você não ia perceber. Você percebe tudo, Theo. Você é tão esperto. Tão perspicaz. Tem sempre uma teoria sobre tudo que acontece. Eu entendo. É o seu papel. Mas agora que eu assumi o que você já sabia, pode relaxar.

– Júlia, eu não sabia. Confesso que estou surpreso.

– Surpreso? Você? Olha, Theo, o André é psicólogo, eu sei que vocês têm umas regrinhas, mas pra cima de mim? Você sabia. E mais: você sente o mesmo que eu.

– Não, Júlia. Eu não sinto o mesmo que você. Já disse: eu sou o seu terapeuta e só isso.

– Quer continuar sendo só isso? Eu acho que não. Eu acho que quando eu saio daqui você senta nesse sofá só pra sentir o meu cheiro. Eu acho que todas as vezes que você come a sua mulher, você pensa em mim.

Se eu fosse pensar na Júlia só quando transasse com a Clarice, eu nem me lembraria mais da cara dela. No entanto, eu só tinha vontade de transar com a minha mulher nos dias das sessões de Júlia, e aquela segunda não foi diferente. Eu insisti, mesmo com Clarice dizendo que não tinha clima, como eu podia ser indiferente o tempo todo e de repente deitar na cama e falar: “Vamos transar!”? Era simplesmente incompreensível – de fato era, mas eu insisti. No fim da discussão, Clarice devia se sentir vitoriosa e pensar que o marido ainda a queria, acho até que ela esperava por esses dias, porque, apesar de começar relutante, no fim sempre se entregava. Fora isso, ela não me procurava, a iniciativa tinha que ser minha, como um sinal de desejo. Bem, o que ela pensava ou deixava de pensar nem me passava pela cabeça. Eu só queria sentir um corpo quente de mulher e me derreter nele, esvaziar a urgência. Depois me sentia mal, claro. Clarice me olhava doce, numa ilusão de que aquele ato fosse um início do degelo entre nós, só que na manhã seguinte tudo prosseguia igual.

O mais patético é que, quando isso acontece com os pacientes, eu digo

mesmo que é uma fase, que todo casamento tem crises e que a precipitação pode ser um grande erro, mas eu não conseguia me convencer disso. Bem, se existisse, de fato, algo como autoterapia, eu estaria sem emprego. Sempre vai existir um momento na vida de qualquer pessoa em que ela precisa do outro, mesmo que não assuma. Esse era o caso do paciente novo das terças. Não era saudável naquele momento aceitar novos pacientes, eu sabia. Mesmo assim aceitei Breno. Desde o começo a culpa foi minha. Desde sempre eu fugia da minha vida pessoal e me refugiava no consultório, nas vidas alheias.

Breno era um atirador de elite que se julgava um homem predestinado, especial. Achava, não; tinha certeza. Aquela soberba aprendida e o excesso de orgulho que ele expôs desde o primeiro momento me irritaram profundamente.

– Qual é a regra aqui dentro? – ele perguntou, num misto de altivez e intimidação.

Depois sentou-se diante de mim fazendo questão de contar como tinha me escolhido. Das referências, pesquisas e de como ele sabia que eu era o melhor. Ao contrário do dia anterior, não fiquei lisonjeado com a certeza dele, o que era uma contradição. Saber que Júlia queria dormir comigo era uma reverência, mas ouvir aquele sujeito, que era pago para atirar nos outros, dizer que só tinha me selecionado do cardápio de psicólogos porque ele só ia no melhor, fosse pai de santo ou marceneiro, me embrulhou o estômago.

– Tem economia que é porca. Não serve pra nada. Prefiro gastar meu dinheiro no que é comprovado – falou, cheio de orgulho e convicção.

Estava na cara que ele tinha muitos conceitos preconcebidos, muitas afirmações, muitas certezas, e devia estar ali para que eu, que era o melhor, confirmasse o quanto ele estava certo. A importância da empatia é sempre lembrada e reforçada na terapia. O paciente deve se sentir confortável na presença do terapeuta, o profissional precisa empenhar seus esforços para estabelecer um vínculo com o ser humano diante dele. Por mais que exista uma abordagem psicanalítica durante a terapia, estamos cara a cara, olho no olho com o outro. Sempre o outro. E se o terapeuta não se sente confortável com o paciente? Se a recíproca não for verdadeira? No caso de Breno, eu tinha acabado de conhecê-lo. Se o mandasse sair, como o meu instinto pedia, estaria sendo um péssimo psicólogo. Assim como o paciente tem seus pensamentos automáticos, nós também temos. E talvez por isso, e só por isso, eu tenha engolido em seco e escutado o que ele tinha a dizer.

– Bem, como você deve ser bem-informado, já sabe quem eu sou; então eu

já digo que não estou aqui porque tô me sentindo culpado. Não é nada disso. Eu podia ter ido em outro terapeuta, mas ele não tinha as suas credenciais. É coisa rápida. Eu só quero falar com você sobre um problema.

A esta altura tive que interromper. Eu tinha que ser vidente e saber exatamente a biografia dele?

– Desculpe, mas não sei quem você é. Quer me dizer o que você espera que eu saiba a seu respeito?

– Ih! Já começou mal. Você não vê jornal? A invasão na escola? Na favela? Morte de menor? Hum. Pensa. Eu sou atirador. Dois mais dois dão quatro.

– Realmente... me desculpe.

– Fui eu que matei o Chaveiro, o traficante. Vai dizer que nunca ouviu falar no Chaveiro?

– Acho que sim.

Àquela altura eu já sabia muito bem de quem ele estava falando, mas preferi mentir e ver até onde ele ia. Ele prosseguiu contando o que eu já lera nos jornais, que o tal traficante havia fugido e se escondido na favela, do cerco policial e de como ele se refugiou numa escola, fazendo uma criança como refém. Entrou em detalhes sobre a captura do traficante, de como a polícia se precipitou e os atiradores de elite acertaram o marginal – ele acertou o marginal. Da bala que ricocheteou e do menino que foi alvejado; não o refém, outro, que estava escondido. De como ele só ficou sabendo de tudo no dia seguinte e de como o chateava ver seu trabalho prejudicado por um detalhe, um acidente de percurso. Ele fez o trabalho dele e muito bem feito, afinal era um dos melhores atiradores do país. Seu discurso era tão defensivo – e mesmo assim, nenhuma culpa. Era o que Breno afirmava sem titubear. Uma parte de mim queria que ele fosse embora, mas a outra estava intrigada: se não era remorso, o que o tinha feito escolher a dedo um psicólogo e, como me contara, dirigir por quase uma hora para a sessão?

– Calma! Você é nervosinho, hein? Eu vou chegar lá, só quero te contar o que aconteceu depois. Não quer saber?

– Claro. Tudo o que você quiser me contar é do meu interesse. – Tive que usar a frase clássica e ele teve que rebater citando o valor da minha hora. Mais uma exibição de superioridade: ele estava me pagando.

– É uma bolada. Nem uma hora e pá, 350 contos. Isso é que é trabalhinho – fechou o raciocínio rindo, embora eu não tivesse achado a mínima graça no termo “trabalhinho”.

Mantendo a minha curiosidade acesa, prosseguiu citando um amigo gay

com quem praticava esportes e que era médico. Tão desprezioso era o seu modo de falar... Como se alguma coisa dita por um paciente pudesse ser irrelevante. Me ajeitei na poltrona e esperei pela façanha. De fato, ele era bom em contar histórias, ainda mais se fosse o personagem principal. Segundo ele, uma semana após o “acidente de percurso” na favela, tinha ido correr com o amigo gay e teve uma parada cardíaca. Ficou 48 horas apagado e, graças a esse amigo, que, por ironia ou bênção do destino, era “o melhor” cardiologista e chefe de um centro experimental com as mais avançadas técnicas, ele sobreviveu – só porque foi congelado, um procedimento ímpar na medicina.

Realmente ele devia ser predestinado. Afinal, eventos únicos no universo pareciam só acontecer com ele. E acontecimentos corriqueiros também – ser filho, ter pai e mãe, como qualquer outra pessoa. Mesmo afirmando que não era hora de falar do pai, ele deixou escorregar, entre uma peripécia e outra, que o pai era durão e que nem a morte da mãe o abalara. Aliás, o senhor, para seu assombro, já tinha tocado a vida e se casado de novo. Provavelmente achando que a figura paterna não havia me impressionado o suficiente, relatou como o pai matara o avô, que por sinal também não era nenhuma madre Teresa de Calcutá. E falava tudo isso com aquele seu modo frugal, quase modesto e raro de encontrar, que é a humildade na perfeição.

– Ele mesmo me contou. Conta isso pra todo mundo. Acidente ou não, ele sabia o que tava fazendo e fez o que era preciso. Vovô que se deu mal. Mas acho que qualquer um faria a mesma coisa, eu, pelo menos. Se eu estivesse sendo perseguido por um bando de reacionários e meu pai começasse a tossir, eu também ia fazer ele calar a boca. A asfixia foi uma consequência. Fazer o quê? Tem gente que acha incrível, a Milena é uma, mas na hora da adrenalina, do medo, o ser humano é capaz de se surpreender com ele mesmo.

Reflexões filosóficas... Eu estava mesmo ficando impressionado. Quem era esse sujeito? Como ele devia ser de verdade? Porque o que se apresentava era de um condicionamento, de uma distância... Embora resistindo, foi aí que tive a primeira centelha de simpatia por Breno. Seu comportamento se tornara ele, mas será que ele se tornara seu comportamento? O pensamento veio e foi rápido.

– Quem é Milena?

– Minha digníssima mulher. Ela adora meu pai, acha o Seu Antônio um homem de fibra.

– Entendo.

– Entende o quê? Ela achar ele um homem de fibra? Você nem conhece ela.

– Por que você veio aqui, Breno?

Fiquei sem resposta porque ele não queria ir direto ao ponto. Ele precisava seguir com a sua fala, como se tivesse vindo durante todo o trajeto ensaiando o que dizer. Existem pacientes que levam algum tempo para se abrir, mas, na grande maioria, o motivo da consulta é sempre dito, ainda mais se o paciente assume desde o começo que sabe por que está ali. Me parecia que Breno queria me inserir em seu contexto, fornecer informações que na hora da pergunta corroborassem o que ele já sabia.

– Sabe vida depois da morte? Essas coisas de alma, espírito, outro lado? Você acredita nisso? Tô perguntando porque, quando voltei do apagão, todo mundo só queria saber o que eu tinha visto, como era o outro lado. Se algum ser de luz veio me fazer companhia. Pode? O cara fica 48 horas congelado, sobrevive a uma morte clínica e nequinho só quer saber se ele viu a luz?

– E você viu?

– Não! Nada! *Niente!*

– Queria ter visto?

– Ih! Você acredita nessas paradas.

– Eu não disse isso e aqui o que importa é o que você acredita.

– É. Mas isso não vem ao caso. Eu quero é a sua opinião num negócio que eu vou fazer.

Ah, finalmente! O prólogo chegara ao fim.

– E o que é?

– Eu quero voltar na favela.

– Pra quê?

– Pra ver como é que é.

– Você não tem medo de que te reconheçam? – perguntei.

Claro que ele não tinha medo. Um homem que corre uma maratona por dia, vence a morte e mata bandidos perigosos jamais teria medo de dar um inocente passeio. Ou ele achava que, mesmo com a mídia do caso, nunca o reconheceriam, ou ele queria se expor desnecessariamente a mais uma ameaça de vida. O amigo médico, Fábio era o nome dele, ia participar de um evento na escola e ele queria ir junto. Para isso precisava do meu aval.

– Me parece, Breno, que, como você mesmo disse, foi treinado para não sentir ou pensar, e sim para acertar o alvo, cumprir as ordens do seu comandante, ser o melhor. Mas me pergunto: se não tivesse existido esse treinamento, como você seria? Obedecer regras de terceiros no seu trabalho eu posso compreender, mas na sua vida pessoal você não precisa disso. Pode muito

bem fazer essa visita sem o Fábio ou qualquer outra pessoa. Aliás, você disse que vai fazer. Ou seja, já está decidido. E, mesmo que não estivesse, não me sinto apto a dizer o que você deve ou não fazer.

– Você tá achando que eu vim aqui pra receber uma ordem?

– Sim. Só que é uma ordem desnecessária.

Pela expressão de desapontamento, eu soube que tinha dado a resposta errada e perdido o posto de melhor psicólogo. Esse é o problema da idealização, a decepção que causa quando nos defrontamos com o fato de que o utópico tem esse nome justamente por não ser real. Se bem que, pensando melhor, não era idealização, mas frustração. Toda aquela preliminar, e eu não concordara com ele. Me olhando de soslaio, como quem diz “Que perda de tempo!”, ele se levantou e ostensivamente contou o dinheiro, jogou as notas na mesa de centro como quem paga uma aposta que não deveria ter perdido e se dirigiu para a porta. Mesmo com todo o desprezo que demonstrou, na saída se virou para mim e fez uma pergunta quase infantil. Perguntou se eu não ia desejar boa sorte. Foram segundos – um tempo mínimo, mas suficiente para enxergar o menino medroso que ele era. Acabei desejando boa sorte, não porque ele havia pedido, e sim porque algo me dizia que ele precisaria.

Após a saída dele, devo confessar que torci para que não voltasse. Era preciso reconhecer o meu erro em aceitar novos pacientes. Se com os antigos minha fleuma desaparecera, com os novos não seria diferente. De repente teria sido por isso que o tal Breno me irritara tanto, por se manter fiel a um padrão mesmo depois de acontecimentos grandiosos. A teimosia em continuar com algo só porque nos afeiçoamos ao lema de sempre seguir em frente, de ser forte, de segurar a barra, não era de todo anônima para mim. E ele voltaria, nem que fosse apenas para mais uma sessão, para provar que conseguia lidar comigo. Aí eu teria que ser capaz de lidar com ele. Entre tantas minúcias importantes, Breno seria mais uma. Assim como Nina.



No dia seguinte ela veio pela primeira vez. Tinha os dois braços quebrados, uma mochila e pressa. Era bastante observadora e curiosa. Nunca tinha entrado num consultório de terapia e parecia surpresa com a minha sala. Com rapidez e muita objetividade, foi clara em dizer que estava ali porque precisava de uma avaliação minha. Estava andando de bicicleta e tinha sido atropelada. O acidente que lhe tinha causado as fraturas nos braços também havia acionado

um seguro, e agora eles queriam provas, por parte dela, de que fora mesmo um acidente. Geralmente isso acontece quando paira a dúvida sobre uma possível tentativa de suicídio. Avaliar se alguém é suscetível a se suicidar é um processo complexo, mas Nina queria que eu fizesse a avaliação naquela consulta.

– Esse negócio de terapia não é comigo. Só tô aqui por causa do acidente. – Foi uma das primeiras frases dela.

Uma vez sentada diante de mim no sofá, ela falou pouco, porque achava dispensável ou porque tinha medo de dizer algo errado. Tudo o que eu precisava saber estava em um relatório que ela havia trazido. Para ler um relatório eu não preciso da presença do paciente. Então por que ela estava ali?, me perguntei. Talvez curiosidade, ou algo maior, tivesse sido o mote da vinda de Nina. De repente ela poderia estar mesmo buscando ajuda, mas ainda não se apercebera disso.

– Está achando que eu sou doida? Eu não sou, tá?

– Eu não acho nada, Nina. Acabei de conhecer você.

– Ah! Tendi.

– Mas eu preciso saber mais. Por que você não me conta da sua vida? – a pergunta pareceu surpreendê-la.

Era como se Nina tivesse vindo até mim preparada para responder qualquer pergunta, contanto que não fosse sobre sua vida. Todos os seus esforços e defesas estavam concentrados no acidente. No acidente do qual ela afirmava não se lembrar.

Geralmente, a amnésia ou a ignorância podem vencer argumentos irrefutáveis: se você não se lembra de algo ou não o conhece, como falar sobre ele? Isso pode muito bem funcionar no cotidiano, numa conversa de bar, num almoço de domingo com a família, mas em terapia existe sempre a pergunta: será? A mente escolhe muito bem o que quer lembrar e o que quer esquecer. Muitas vezes pregando mentiras brancas, conta para si mesma verdades mentirosas apenas para aliviar a sua dor. Se formos examinar o nosso passado com acuidade, poderemos perceber que muitos daqueles fatos marcantes, que nos enchem de orgulho ao serem recontados ou cuja lembrança nos alivia em momentos difíceis, não aconteceram exatamente como diz nossa memória. Acho que isso, naquele momento, era o que ocorria com ela. Algo de importante tinha acontecido no dia daquele acidente. Algo tão importante que ela preferira esquecer.

Talvez ela estivesse pensando nisso quando se calou e desviou o olhar do meu rosto. Aproveitei a brecha para explicar que sem saber nada sobre ela fi-

caria muito difícil fazer uma avaliação coerente. Então, sem saída, ela acabou falando de si mesma. Foi um relato breve, curtíssimo.

Tinha 15 anos, era ginasta, já havia ganhado vários campeonatos e era uma esperança do esporte brasileiro. E era isso. Nada mais. Nada sobre sua vida pessoal, sua família, seus amigos, seus sonhos, seus amores. Era como se a Nina-jovem não existisse, apenas a Nina-atleta. Como se o esporte fosse a única coisa importante para ela, fosse a essência de sua vida. Ou como se apenas no esporte ela fosse amada, admirada e respeitada e, por isso, esse fosse o único assunto digno de ser citado. Algo me dizia que ela evitava falar de sua família e de si mesma porque nessa parte de sua vida as coisas simplesmente não estavam funcionando. Juventude e desamparo adquirido eram situações que eu conhecia bem, não porque eu houvesse criado uma mentira boa na minha cabeça, mas porque eu simplesmente evitava lembrar. Nina trouxe muitas das minhas memórias à tona. Todo paciente apresenta, por menor que seja, um traço, uma pitada, um vislumbre de algo familiar ao terapeuta. Na idade dela, eu também me sentia com os dois braços quebrados e incapaz de fazer o que queria.

Minha insistência em saber mais e tentar fazê-la entender o porquê da necessidade de nos conhecermos só a irritou.

– Tá achando que eu sou o quê? Idiota? Pensa que eu não sei que ela te ligou? Eu sei, tá? Imagina se a minha mãe, a rainha das pentelhas, não ia se meter. Eu não devia ter vindo nessa bosta de terapia. Você já deve ter lido o relatório todo e tá tirando uma com a minha cara.

Diante da hipótese de eu haver conversado com a mãe dela, Nina foi em direção à porta. Eu a segui.

– Nina, espera. Por que seria um problema se sua mãe tivesse me ligado?

– Tá vendo? Ela se meteu de novo! Que inferno! Por que ela não me deixa em paz? – ela reagiu, irada, mas me pareceu uma ira aliviada por alguém se importar com ela.

– Eu não disse que ela ligou. Perguntei como uma hipótese. Eu não falei com a sua mãe.

– Tá bom. Vou fingir que acredito.

– De verdade, Nina. Não falei com sua mãe. Mas, se ela quisesse falar comigo, isso seria muito normal.

Nesse momento ela voltou para o sofá e sentou.

– Não tem nada de normal na minha mãe. Ela só quer me ferrar! Não me deixa fazer nada que eu gosto. Ela queria que eu fosse diferente. Eu não sou a filhinha que ela sonhou!

Respirando fundo, concluiu:

– Só o meu pai gosta de mim. Ele e o Leon, mais ninguém.

– Quem é Leon? – tive que perguntar.

Ela sorriu e mostrou um desenho no gesso. O traço era infantil e estava bem colorido. Com um sorriso ainda maior contou que Tati tinha feito o desenho.

– E quem é Tati? Treina com você?

– Não. Ela não gosta de ginástica, pra desgosto do Leon. Ela é filha dele.

– E vocês são amigas?

– Eu gosto dela. De vez em quando eu dou uma de uma babá da Tati, quer dizer, de vez em quando sempre. Ela me adora – respondeu Nina, sorrindo.

Estranhei a proximidade de Nina com o treinador e sua filha, mas nem pude seguir com o meu pensamento. A vilã era a mãe; o pai e o tal Leon eram os heróis, prontos para resgatá-la da torre. Sempre me incomoda tanto a falta de amor quanto seu excesso. Aquela afirmação me soava como um autoconhecimento, mais como um desejo do que como uma realidade.

– Se não fosse o meu pai e o Leon, eu já tinha saído da ginástica faz tempo. Tem que ver como ela odeia aquilo. Parece que tem raiva porque eu sou boa em alguma coisa e ela não é boa em nada.

– Mas o que ela faz para você pensar que ela odeia tanto o seu esporte? – perguntei.

– Ela odeia! Nunca vai ao treino, nunca se preocupa se eu me machuquei, se eu tô bem. Nem nas competições ela vai. É um vodu! Ela queria que eu ficasse em casa, engordando, indo pra balada com um bando de otário ou metida no shopping que nem ela. Ela acha que o esporte é muito pesado e que tá me deformando. Porra! Ela fuma e vem falar do meu treino?

Me parecia que a mãe de Nina queria que ela fosse uma adolescente normal, o que não era nada absurdo. Mas, para Nina, além de absurdo isso era cruel. A competição entre mães e filhas é algo muito delicado e discutido. É uma mulher gerando outra mulher. É uma mulher amadurecendo enquanto outra envelhece. É uma mulher que teve uma mãe e que, com certeza, traz uma bagagem desse relacionamento sem fronteiras e visceral por excelência. São tantos sentimentos emaranhados nessa comunhão que eu precisaria de tempo para visualizar se era inveja mesmo o que fazia sua mãe tentar impedir seu crescimento.

Podia ser uma atitude de Nina também. Era cedo demais para arriscar qualquer palpite. Naquele momento, o que me parecia era que a jovem se sentia como alguém que quer correr mas é puxada para trás por um peso onipre-

sente, sem perceber que esse peso podia ser somente excesso de preocupação. Meu raciocínio fez Nina concluir que eu não estava sendo profissional. Eu nem olhei para o relatório. A primeira coisa que eu deveria ter feito, em vez de ficar com perguntas cretinas, era ter lido o relatório. Isso, sim, seria uma conduta apropriada para mim, não aquele questionário babaca. Para quem nunca tinha pisado no consultório de um psicólogo nem passado perto de nada próximo a terapia, ela tinha conclusões bem radicais. Se eu lesse em voz alta ou não, apenas por estar diante dela isso poderia constrangê-la. Mas ela estava irredutível. A avaliação era o seu gol, ela não estava ali para discutir ou contar sua vida.

– Por que você não lê logo essa merda de relatório?

Eu não respondi. Apenas a encarei com calma.

– Agora eu entendo por que todo mundo zoa a sua filha e fala que ela é doida – continuou.

– Não sabia que você conhecia a minha filha.

– Ela era do meu colégio. Não faz essa cara, não, que eu conheço ela e você conhece a minha mãe. Ou você nunca foi numa reunião de pais?

Diante da minha surpresa, Nina mudou o tom.

– Fica *tranquis* que ela não era da minha turma. Mas que todo mundo sabe que filho de psicólogo é tantã, todo mundo sabe. Ela ficou assim por culpa sua.

– Assim como?

– Estranha. Metida a alternativa, sempre com um papinho de autoconhecimento. A gente sabe muito bem qual é o autoconhecimento que ela gosta. Ela só ajuda naquele muquifo de centro de jovens para fazer merda. Sabia que ela tá ficando com um carinha baixo nível? Também, pra ir naquele lugar, só sendo drogado ou marginal.

Sem argumentos, o ataque foi o que sobrou para Nina, o que me levou a crer que a agressão, fosse física, verbal ou emocional, fazia parte de seu dia a dia. Então, para acalmá-la, decidi fazer o que ela me pedia. Enquanto eu lia o relatório, ela resolveu passear pela sala. Observou meus móveis, objetos, descobriu até coisas perdidas. Como eu havia notado no começo, ela era muito observadora. Parecia que julgava a pessoa pelo que estava em seu entorno, procurando pistas de sua personalidade, dicas de como se comportar, dos argumentos que deveria ter. Só que um gesto de Nina me chamou atenção.

– Sacanagem. Lá em cima ninguém vê. Você deve odiar eles – disse, referindo-se aos livros que estavam no topo da estante, espremidos até o teto.

– Odiar não é muito forte?

– Não. Pra esquecer assim.

Fiquei curioso para saber quais livros eu tinha colocado ali e se o comentário de repente teria algum fundamento, mas decidi que faria isso quando ela fosse embora. De repente, ela se apoiou em um dos móveis e, olhando através da janela, fez uma brincadeira jovial sobre os meus barcos. A casca podia ser quebrada. Não pude deixar de sorrir ao constatar isso. Assim como não pude deixar de me alegrar em ter aceitado essa paciente. Sentia que podia ajudá-la, e ter a possibilidade de auxiliar alguém de forma realmente válida não tinha preço para mim.

– Eu faço a sua avaliação, mas com uma condição: preciso de mais tempo – minha frase interrompeu sua investigação e ela, com passos rápidos, voltou para o sofá.

Era preciso que ela compreendesse e que firmasse o compromisso de vir mais uma ou duas vezes. Perguntei se ela poderia fazer isso por mim, afinal, se fizesse uma avaliação sem conhecê-la, só por aqueles poucos minutos de conversa, eu não estaria sendo muito profissional e ela estava buscando em mim, desde que tinha entrado na sala, um profissional criterioso. Com um olhar convencido, ela sussurrou um “sim” e eu propus um dever de casa. Cada um faria um relatório, com sua versão do que acreditava ser o correto. Estendendo os braços, ela disse que não conseguia escrever. Sugeri que pedisse a alguém para ajudá-la. Com um lacônico “Vou tentar”, ela levantou e se foi. Como ela ainda não tinha conseguido sua avaliação, eu sabia que voltaria.



Naquela noite, depois do jantar, sentei à mesa da cozinha e fiquei observando Clarice desinfetar a pia. Desde quando ela tinha mania de limpeza? Eu achava que a conhecia bem, mas não me lembrava desse detalhe. A leveza do rosto sempre sereno se fora. Agora seus lábios pareciam uma linha feita com um pedaço de carvão. Volta e meia os dentes escapavam, mas só para morder a tal linha. Seus olhos me vigiavam, mesmo ela estando de costas para mim. E embora não pudesse vê-los, eu sentia a irritação neles. Nenhum som. Eu não podia suspirar que ela emitia um muxoxo de pura impaciência. Não cabíamos mais no mesmo cômodo. Eu belisquei um pedaço de pão e devo ter soltado um resmungo qualquer da vida – e isso detonou a discussão.

– Você vai ficar aí a noite toda? – reclamou Clarice.

– Qual o problema? E se eu quiser ficar aqui a noite toda?

– Faz o que você quiser – ela disse, batendo a porta do armário com força. Se ela estava descontando a raiva que sentia de mim nos móveis, logo eu ia ter que remobiliar a casa.

– Dá pra você colocar o Caio pra dormir?

– Ainda tá cedo.

– Não! Não está! Se você soubesse a hora que ele acorda e o que ele faz durante o dia, saberia que já passou da hora.

– Ah! A ladainha do pai ausente vai começar. Você não tem outro argumento?

– Hoje é quarta. O que o Caio faz nas quartas? Responde!

– Escola... Natação e inglês – respondi, hesitante.

– Errado!

– Vai dizer que ele não teve escola hoje?

– Teve, mas não foi.

– Ah! Ficou doente de novo. Você vai deixar o nosso filho hipocondríaco, com essa sua neurose!

– Eu que sou a neurótica? Pra seu governo, ele não tá doente. – Depois de uma pausa, ela se virou para mim, cruzou os braços, encarando, quase chamando para a briga. – Eu fui na outra escola e ele foi muito bem.

– Você não fez isso! Eu já disse que não quero que ele vá pra uma escola de superdotados!

– Por quê? O único brilhante aqui só pode ser você? Você tá com inveja do seu filho, Theo?

– Clarice! Não me faz perder a paciência.

– E desde quando você tem paciência com a gente? Aposto que com os seus pacientes você tem de sobra.

– Não mete meus pacientes na conversa.

– Claro, eles são sagrados.

O desdém com que ela disse aquilo me causou enjoo. Era o meu trabalho, o trabalho que sustentava a nossa família. Mas, para Clarice, o que eu fazia era quase uma afronta. Continuando a quebrar os móveis para não quebrar a minha cara, ela empurrou as outras cadeiras da mesa, batendo em mim por tabela.

– Cadê a Malu? Ela já não devia estar em casa? – perguntei, numa tentativa idiota de mudar de assunto, como se pular de um filho para o outro fosse realmente surtir efeito. Além disso, ser informado sobre a vida dos meus filhos por uma paciente era perturbador. Se Nina tinha mentido ou não, eu precisava descobrir.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br